

Os Intelectuais da Revista Encontros com a civilização Brasileira e o processo de abertura política no Brasil: um olhar sobre o pensamento social brasileiro.

Manuela Brêtas de Medina*

Resumo:

O presente trabalho lança um olhar para a perspectiva política da intelectualidade brasileira no processo de abertura política. Período em que a cultura política desses intelectuais se voltava para a importância do processo democrático e dos movimentos sociais instituídos. A partir desta perspectiva esse projeto de doutoramento que se inicia lançará mão da revista *Encontros com a Civilização Brasileira* como objeto da pesquisa para traçar um perfil do pensamento social brasileiro. Buscando compreender o discurso produzido por estes intelectuais, que formarão uma “nova esquerda” brasileira que visa resgatar a soberania do Estado Nacional, frente a onda neo-liberal que tomará conta da América Latina neste período. Partindo da perspectiva de Bourdieu se trabalhará o conceito de *Campo* para se entender o processo de reestruturação do campo intelectual brasileiro neste período.

Palavras chaves:

Campo intelectual, Civilização Brasileira e Abertura política.

Abstract:

This paper looks at the political perspective of Brazilian intellectuals in the process of political opening. Period in which the political culture of these intellectuals turned to the importance of democratic processes and social movements imposed. From this perspective this doctoral project that begins lay hold of the magazine *Encontros com a Civilização Brasileira* as an object of research to draw a profile of the Brazilian social thought. Trying to understand the discourse produced by these intellectuals, who will form a new left 'in Brazil that aims to rescue the sovereignty of the nation state, the front wave of neo-liberal who will take over Latin America during this period. Starting from the perspective of Bourdieu's work is the concept of field to understand there structuring process of Brazilian intellectual field in this period.

Key Words:

Intellectual field, Brazilian Civilization and Political Opening.

Introdução

A editora *Civilização Brasileira* se constituiu, durante as décadas de 60 e 70, em uma das principais redes de sociabilidade do campo intelectual do país. A ditadura civil-militar deflagrada em abril de 1964 sufocou, num primeiro momento, os

movimentos sociais mais organizados deixando os campos da produção científica e cultural relativamente livres¹. O grupo denominado “Grupo Civilização” (VIEIRA, 1998) pelo sociólogo Luiz Renato Vieira reunia intelectuais remanescentes do *Instituto Superior de Estudos Brasileiros* (ISEB), do *Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes* (CPC da UNE) e do *Comando de Trabalhadores Intelectuais* (CTI) além de intelectuais ligados ao *Partido Comunista do Brasil* e ao periódico *Correio da Manhã*. Em 1965 Ênio Silveira, intelectual e proprietário da Editora Civilização Brasileira, lançou um dos principais instrumentos de resistência à ditadura militar; a *Revista Civilização Brasileira* (RCB). Nesse periódico, intelectuais de diversas correntes políticas se reuniram em torno de um ideal: a luta pela restauração da democracia² no país.

Em 1978, dez anos após a publicação da última *Revista Civilização Brasileira* (RCB), Ênio Silveira decide retomar este periódico alterando o nome para *Encontros com a Civilização Brasileira*. Aproveitando o sucesso obtido pela sua precursora ele buscou reconstruir o rico ambiente de debates do período 1964-1968. Esse novo periódico circulou até 1982 tendo sido lançados 29 volumes contendo antigos colaboradores da editora, englobando-se nessa nova publicação a Escola de Sociologia da USP. A *Encontros com a Civilização Brasileira* conservava um caráter mais acadêmico, o que a diferenciava da RCB.

Em meados da década de 1970 o regime militar é redirecionado rumo a liberalização política pelo projeto de *distensão política* planejado pelo presidente Geisel que propunha uma abertura “lenta, gradual e segura”, em que o país seria reconduzido ao seu Estado de direito “(...) mas excluísse os setores mais radicais da oposição e os movimentos populares” (ARAÚJO in FERREIRA & REIS; 2004:324) Este projeto foi criticado por amplos setores da esquerda que o avaliaram como uma tentativa do governo de promover uma “transição por cima” e a uma “democracia de fachada”. Este período é marcado pelo processo de desestruturação do regime militar e o de reestruturação dos movimentos sociais no país. Através desse processo de abertura surgia uma nova esquerda dita mais pragmática e atuante nos movimentos sociais tais como sindicatos, associações de bairros e pastorais da igreja católica. Estes movimentos podem ser definidos como de *resistência e luta democrática* contra o regime militar. “Essa geração, a geração dos anos 1970, era informada política simbolicamente por um

outro *ethos*: a luta pelos direitos humanos contra o arbítrio e contra o autoritarismo” (IBID:332). Nesse processo o partido Comunista deixava de ser a grande referência de esquerda perdendo espaço para a nova esquerda. Como demonstra Marco Aurélio Garcia (1986:201):

O surgimento dessa nova corrente, ancorada em muitos movimentos sociais (...) é um momento de crise daquela esquerda que tem no PCB (ou em suas expressões políticas, ideológicas, e organizativas de contestação) seu principal parâmetro.

O final da década de 1970 também significou uma mudança estrutural no meio artístico e intelectual. O regime ditatorial brasileiro, que anteriormente os havia perseguido, agora os englobava em suas estruturas através dos meios de comunicação como a Embratel (estatal) e rede Globo (que era privada, mas contava com incentivo governamental) além dos órgãos culturais estatais tais como a Embrafilme, a Funarte e o Serviço Nacional do Teatro, dentre outros. A indústria cultural também floresceu no campo fonográfico e no mercado editorial com a publicação de livros, revistas e jornais vendidos em bancas de jornal. O intelectual deste período redireciona o seu campo de ação dos meios sociais para os partidos políticos, um dos principais instrumentos de ação política da democracia (eleições diretas).

A Importância da História política no estudo dos Intelectuais

A partir da renovação da História Política os intelectuais tornaram-se um dos objetos de estudos dos Historiadores a sua atuação e seus projetos políticos entraram na ordem do dia das pesquisas históricas. Não obstante eles também se tornaram objeto de interesse dos pesquisadores brasileiros. Neste artigo se discutirá o papel dos intelectuais que atuaram na revista *Encontros com a civilização Brasileira* no processo de abertura política.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu ao pensar a sociedade afirma que os atores sociais estão inseridos espacialmente em campos sociais específicos que são determinados pelos capitais simbólicos (cultural, social, político...) e que seu posicionamento espacial e social é marcado pelo seu *Habitus*, que é a interiorização das práticas sociais dos grupos e classes aos quais os atores sociais estão inseridos.

É a partir da perspectiva de Bourdieu de campo intelectual e campo político que este trabalho está inserido. Bourdieu afirma que os intelectuais são produtores de bens

simbólicos que atuam na sociedade a partir da sua tomada de posição no campo de poder. Ele compreende o campo intelectual como um campo autônomo que interage com outros campos de poder.

A ditadura civil-militar deflagrada no Brasil em 1964 promoverá mudanças no campo intelectual brasileiro que revisará suas teses sobre a Revolução Brasileira que ao longo dos anos 1960 e 70 se modificará na medida em que a luta pela democracia vai se impondo como um fim em si. A luta pelas conquistas sociais e econômicas são as principais matrizes para a construção da democracia política brasileira. Durante este período surgem novas reflexões sobre novas concepções de poder e da participação popular. A revista *Encontros com a Civilização Brasileira* reunirá intelectuais que, apesar de deterem matizes políticos diferenciados, se identificavam pelo matiz político de transformação social. Neste grupo participavam intelectuais que sofriam influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e os que não sofriam esta influência.

Para entender a importância deste periódico para o campo intelectual brasileiro é importante voltar um pouco no tempo e recuperar um pouco da história da Editora *Civilização Brasileira* e seu editor Ênio Silveira.

A Editora *Civilização Brasileira* e seu editor: o espaço de sociabilidade dos intelectuais brasileiros.

A editora exerce no seu campo de atuação o papel de mediar o campo intelectual com o setor econômico. Ela promove o intelectual em ascensão editando seus bens simbólicos. O editor engajado dentro do campo intelectual detém um importante papel de divulgador da cultura. Através dele os intelectuais e seus bens simbólicos são difundidos para os diversos campos sociais e seus capitais simbólicos.

Ênio Silveira se caracteriza como um dos principais editores de escritos políticos de esquerda do Brasil. O seu engajamento político no mercado de bens simbólicos marcou a sua atuação no campo intelectual e suas interfaces com o campo político. A atuação de Ênio é marcada pela sua participação e um dos agentes fundadores da Câmara Brasileira do Livro em 1946 bem como sua atuação como presidente desta instituição de 1952 a 1958 onde discutiu junto ao governo Kubitschek o preço do papel, a redução das cargas tributárias para o setor editorial. A sua atuação o diferenciou do mercado editorial ao exercer o papel de tradutor e editor dos livros muitas vezes

dialogando diretamente com os autores. A editora *Civilização Brasileira* torna-se um símbolo de resistência e atuação do campo intelectual brasileiro.

Na década de 1960 a civilização Brasileira se consolida como uma das principais produtoras de bens simbólicos no mercado editorial brasileiro. Durante o governo João Goulart o editor Ênio Silveira consagra-se como um intelectual de grande prestígio nacional. A parceria de sua editora com *O Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE (União Nacional dos Estudantes)*, que tinha por objetivo conscientizar a população brasileira através da arte, surgem *Os Cadernos do Povo Brasileiro* uma publicação marcadamente de esquerda nacionalista que discutia temáticas como as ligas camponesas, o socialismo no Brasil entre outros. A atuação da Civilização Brasileira tanto no campo político como no intelectual ultrapassa a barreira da ditadura deflagrada em 1964 e ela continua as suas publicações de linha marxista onde temas como a Revolução Brasileira ainda eram publicados.

Os Intelectuais e civilização Brasileira no contexto da ditadura

Apesar desta “liberdade” alçada pela editora *Civilização Brasileira*, diversos agentes da esfera política e cultural do país sofreram mudanças profundas no seu campo de atuação sendo totalmente desarticulados. A censura e a repressão infringida contra sindicatos, meios de comunicação e todo o campo intelectual modifica o discurso político da intelectualidade brasileira que passa da luta pela implementação da Revolução para a luta pela redemocratização da sociedade brasileira. É neste momento que a Civilização Brasileira abriga intelectuais de diferentes matizes da esquerda e de grupos contrários ao governo militar. A maioria deles assumia uma postura de independência em relação às teses comunistas, assim como o próprio Enio, que apesar de ser próximo ao PCB nunca defendeu um projeto revolucionário para o país.

O fato de a editora possuir uma livraria situada na Rua Sete de Setembro no centro do Rio de Janeiro ajudou a criar um ponto de encontro da intelectualidade carioca entre as décadas de 1950 e 1960. Ela tornou-se um local de discussão política onde as teses nacionalistas e a Revolução Brasileira eram debatidas. O florescimento cultural em curso no início dos anos 60 prosseguiu até o AI5 em 1968 tendo a classe média a sua frente, grupos como o Teatro Opinião e os Festivais da Canção patrocinados pela TV Record em São Paulo representavam alguns destes movimentos de resistência ao regime

militar. Assim como a *Revista Civilização Brasileira* editada entre os anos 1964 a 1968 que publicava temáticas relativas à efervescência cultural brasileira tais como literatura, cinema teatro e música. Esta publicação também discutia temáticas relativas à política Nacional e Internacional e questões comportamentais. A sua publicação foi um grande sucesso de publico até o endurecimento do regime militar com a instituição do Ato Institucional n.5 que silenciou e reprimiu toda e qualquer forma de manifestação política e cultural. Esta medida representou a dizimação dos setores mais combativos ao regime no final da década de 60.

A Encontros com a Civilização Brasileira e a reestruturação do campo intelectual Brasileiro.

A década de 1970 inicia-se sobre a égide do milagre econômico e da repressão política até a política de distensão do Governo Geisel que propunha uma abertura lenta, gradual e segura para o processo democrático. No contexto internacional se via a queda do governo Socialista de Allende no Chile, o fim da guerra do Vietnã e a Revolução dos Cravos derrubar, em Portugal, o governo ditatorial de Salazar.

O campo político e cultural brasileiro buscava se recuperar de um governo ditatorial que reprimiu, exilou e em certos casos até matou quem ousou protestar contra o poder vigente. O campo Cultural encontrou na indústria cultural um espaço de atuação e o político nos movimentos sociais que aos poucos se reorganizavam. A identidade destes movimentos políticos e culturais passava pelo projeto de reestruturação da democracia brasileira. O campo intelectual repensava projetos e estratégias de atuação na política brasileira.

A editora Civilização Brasileira após seu fechamento em outubro de 1970 por causa de um incêndio reabre no final dos anos 70 na Avenida Rio Branco. Neste período Enio Silveira lança a Revista Encontros com a Civilização Brasileira com o intuito de recuperar e ampliar os debates promovidos por sua precursora a Revista Civilização Brasileira. Ao contrário da primeira Revista que é permeada por diversos trabalhos acadêmicos, que buscaram discutir a sua importância no cenário cultural brasileiro, a Encontros é pouco citada e lembrada nas produções acadêmicas salvo o livro de Luiz Renato Vieira *Consagrados e Malditos: os intelectuais e a Editora Civilização Brasileira (2005)* que se limita a dizer que esta nova revista: “(...) tinha

orientação ideológica pouco definida e não teve repercussão, no meio cultural, comparável aquela que a precedeu (pp.183-1 84).”

Neste trabalho de doutoramento que se inicia pretende-se provar o contrário que a Revista *Encontros com Civilização Brasileira* teve a sua importância no cenário cultural brasileiro. A começar pelo número de publicações que com seus 29 volumes superou a da primeira que emplacou 22 volumes. O momento político e cultural em que ambas foram publicados eram completamente diferentes. Ao contrário da Revista *Civilização Brasileira* que foi editada, apesar da ditadura, num momento de efervescência cultural a *Encontro* foi publicada num momento em que o próprio campo intelectual brasileiro estava se reestruturando e buscando a sua identidade que neste momento se multiplicará e se engajará em projetos políticos diferenciados e é esta multiplicidade de projetos políticos que se delinearão nos artigos da Revista *Encontros*.

No período da ditadura o campo intelectual que atuava na *Civilização Brasileira* se identificava na luta pela reestruturação da democracia brasileira. No momento que a Revista *Encontros com a Civilização Brasileira* estava sendo editada, o campo intelectual brasileiro se diferenciava pelos diversos projetos de democracia que cada grupo social estava propondo para o Brasil pós ditadura. E é nesta multiplicidade de projetos que este trabalho pretende identificar qual era a identidade política desta revista. Em uma análise inicial já é possível identificar que muitos dos grupos que atuaram na *civilização Brasileira* ao longo dos anos 1960 voltaram atuar junto a ela nos anos 1970. Contudo a influência do PCB já não era tão significativa abrindo espaço para os novos grupos políticos que fundaram partidos como o Partido dos Trabalhadores. Os intelectuais ligados ao ISEB e a CEPAL continuaram marcando presença nas páginas da *Encontros*.

Os assuntos abordados pela revista iam da análise da política Nacional e Internacional como a reorganização do movimento sindical com as greves do ABC Paulista, a tomada de posição da Igreja Católica junto aos movimentos sociais com criação da Teologia da Libertação e as pastorais também faziam parte das temáticas tratadas. Temas ligados a América Latina, aos direitos Humanos e a economia nacional também eram abordados pela revista. Ao longo de quatro anos a *Encontros com a Civilização Brasileira* trabalhou com temas ligados a atualidade da sociedade Brasileira e do mundo. Temáticas ligadas a uma abordagem mais acadêmica também fizeram parte

da *Encontros*, historiadores, sociólogos, professores universitários, analistas políticos nacionais e internacionais também eram publicados. Nomes como Hobsbawm, Helio Jaguaribe, Celso Frutado, Frei Beto, Barbosa Lima Sobrinho figuraram nas páginas da *Encontros*. Títulos como *O Estado e a Organização da cultura (Octaviani)* *Humanismo e Barbarie (HOBSBAWM)* *A internacional Socialista Corteja o Terceiro mundo (Sergio Buarque de Hollanda)* *Massas e o Poder (Pietro Ingrião)* *Estados Unidos: sistema democrático e relações com o Terceiro Mundo (Helio Jaguaribe)* eram publicados e debatidos na revista. No corpo editorial figuravam nomes como Alceu Amoroso Lima, Dias Gomes, Maria da Conceição Tavares, Waldir Pires, Leonardo Boff, Leon Hirschman, Octavio Ianni, Sérgio Arouca dentre outros. Moacyr Felix era o Editor-chefe e Ênio Silveira o Diretor-responsável. A revista publicava intelectuais de grande renome nacional e internacional discutindo temáticas que permeavam o imaginário das esquerdas de todo o mundo.

Neste cenário os movimentos culturais engajados iam perdendo espaço para os movimentos sociais e os partidos políticos que aos poucos foram tomando o espaço e tomando a frente do discurso engajado. Os campos artísticos e intelectuais se expressavam através destes novos espaços de atuação. A revista surgia como mais um espaço de debate da intelectualidade nacional. No editorial do primeiro volume Ênio Silveira afirma qual a importância da revista no contexto nacional:

Embora ainda pesem sobre a vida nacional sombrias cargas de arbitrariedade e violência, torna-se cada vez mais forte a amplo movimento de opinião pública que, lutando em todas as áreas pelas liberdades democráticas, vem conquistando aberturas que já permitem ampliar o ostensivo debate de idéias essencial ao progresso cultural do País.

Entendemos que é dever de todos os intelectuais conseqüentes intensificar sua participação nesse esforço e sobretudo, colaborar para que ele valha também com base para a edificação de valores individuais e coletivos que filosoficamente, se ofereçam como pontos de apoio de estruturas sociais mais justas e humanas.

Com esse espírito e dedicada a tal propósito surge *Encontros com a Civilização Brasileira*, uma coleção de livros aberta a todas aquelas tendências que a evolução do pensamento social e científico vem figurando como a atual e plurificada face do Humanismo contemporâneo. (SILVEIRA,1978:7)

Através de trechos do editorial fica claro o objetivo de Ênio com essa publicação. A construção e o debate da urgência de reconstrução da democracia brasileira face ao desfacelamento do regime ditatorial brasileiro. Para Ênio:

Em linhas gerais (...) a coleção *Encontros com a civilização Brasileira mantém – e amplia – a linha de conduta intelectual que, de 1964 a 1968, cercou de tanto apreço a Revista *Civilização Brasileira*, uma publicação cuja alta relevância cultural e política tem sido constantemente realçada em qualquer pesquisa que se faça (e muitas já têm sido feitas, aqui e no exterior) sobre a difícil, mas constante atuação da *Intelligentsia* nacional naquelenperíodo tão agitado de nossa história.*

(...)

Queremos em suma, que colaboradores e leitores juntos possam auxiliar o povo brasileiro a romper as trevas culturais que ainda o cobrem e o muro de preconceitos que o cerca, pois sem essa ruptura nosso país dificilmente se poderá preparar, para cumprir, no quadro geral da marcha dos povos, o seu destino histórico de nação independente e democrática.(IBID:8)

A revista surgia num momento em que a liberdade de expressão estava se reconstituindo, em que a pressão internacional com a conjuntura de crise da economia mundial questionava as ditaduras latinas americanas. O processo de abertura dos países socialistas também marcava o discurso do campo intelectual brasileiro. O MDB (Movimento Democrático Brasileiro) aos poucos ia ganhando espaço político e apoio dos intelectuais brasileiros que ajudaram a formular um projeto político “(...) pacífico, parlamentar e democrático de transição para a democracia” (SILVA in FERREIRA & DELGADO;2003:261).

A *Encontros com a Civilização Brasileira* torna-se assim um importante instrumento de divulgação das ideias de parte da esquerda nos anos 70 e início dos 80 e, portanto, um importante objeto de pesquisa para a compreensão do ideário das esquerdas no período de desestruturação da ditadura e do processo de abertura política do país, sobretudo por ter sido uma revista aberta para o debate entre correntes ideológicas que podem ser denominadas de velha e nova esquerda. Constituiu-se em um espaço de divulgação e debate de ideias dos intelectuais de esquerda que, após viver dois períodos ditatoriais³, planejavam construir uma nova sociedade baseada nos preceitos da democracia e da liberdade de expressão.

Conclusão

A publicação da Revista se faz num momento político em que as próprias contradições do regime militar começaram a esfregar o governo obrigando-o a promover uma abertura política no país. As greves do ABC paulista e a anistia que gerou a volta dos músicos, políticos e intelectuais ao país criaram um ambiente propício à exposição de uma revista como esta que buscou, através de seus artigos, influenciar e orientar o debate político de um grupo de intelectuais de esquerda.

A preciosidade dos artigos publicados demonstra a importância de se estudar essa publicação que buscou articular o debate político com a retomada dos movimentos sociais. Para além da reconstrução do pensamento intelectual é importante olhar a

Revista *Encontros com a civilização brasileira* como uma fonte e objeto de resistência contra o processo de esquecimento da História do Tempo Presente, como foi explicitado pelo historiador Francisco Carlos Teixeira:

Assim contra o esquecimento da história do tempo presente - esquecimento apenas paradoxalmente pregado pelos responsáveis pelas ditaduras e pelos condutores das transições em direções às aberturas democráticas -, propomos um voltar-se cuidadoso sobre uma história que é, ao mesmo tempo, recente e esquecida: os processos de redemocratização (IBID:245).

A luta democrática contra a ditadura no Brasil ainda produz poucos estudos, devido ao fato da luta armada ainda ser uma mística e um tabu e por isto ser mais estudada, tanto no campo da historiografia quanto das ciências sociais como um todo. Por causa do pouco espaço que este tema ainda ocupa no campo da historiografia brasileira é que esta pesquisa se faz necessária. Esta temática é muito importante para a compreensão das ações políticas destes atores sociais que empreenderam uma frente democrática contra o regime militar brasileiro.

* Graduada em História pela UFF, Mestre em Memória Social pela UNIRIO, atualmente é doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Política da UERJ com bolsa CAPES e sob orientação do professor doutor Orlando de Barros. E-mail:manubretas@gmail.com

¹ Movimentos como o Teatro Opinião, o Cinema Novo. Para uma melhor compreensão sobre o assunto ver Marcelo Ridente (2000) In Em busca do povo brasileiro. Referência completa na bibliografia.

² Setores identificados com a nova historiografia contestam o uso do conceito de democracia pelos movimentos de esquerda das décadas de 1960. Existem correntes que afirmam que esse conceito não fazia parte do vocabulário e/ou das práticas das esquerdas desse período. Essas esquerdas defendiam a instauração do socialismo no Brasil e condenavam a “democracia liberal” afirmando ser esta um instrumento da burguesia. Para um melhor entendimento desta discussão ver o texto da historiadora Denise Rollemberg *Esquerdas revolucionárias e luta armada* publicado no volume 4 da coleção O Brasil Republicano: O tempo da ditadura regime militar e movimentos sociais em fins do século XX organizado pelos historiadores Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado da Editora Civilização Brasileira, 2003.

³ Período Vargas (1930-1945) e a Ditadura militar iniciada no ano de 1964 e que começava a se desestruturar no final dos anos 1970, período a ser estudo pela presente pesquisa

Referência Bibliográfica:

- ARAUJO, Maria Paula Nascimento A Utopia Fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.
- BOBBIO, NORBERTO Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo, UNESP, 1995.
- BOURDIEU, Pierre O Poder Simbólico. 2ª edição, Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1998.
- Campo de Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe IN A Economia das Trocas Lingüísticas- o que falar quer dizer. São Paulo, EDUSP, 1998, pp 183-202.
- FÉLIX, Moacyr (organização, seleção e notas) Ênio Silveira: arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 1998
- FERREIRA, Jorge & Delgado Lucilia de Almeida Neves O Brasil Republicano - O tempo da ditadura - regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (orgs.) As esquerdas no Brasil: Revolução e democracia, 1964. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.
- MARTINHO, Carlos Palamones (org.) Democracia e Ditadura no Brasil. Coleção Comenius; Rio de Janeiro, EDUERJ, 2006.
- MOTTA, Luiz Eduardo P. da A Época de Ouro dos Intelectuais Vermelhos: uma análise comparativa das revistas *Tempo Brasileiro* e *Civilização Brasileira* – 1962- 1968. Dissertação de mestrado em Sociologia, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 1994.
- VIEIRA, Luiz Renato Consagrados e Malditos: Os Intelectuais e a Editora Civilização Brasileira. Brasília, Thesaurus, 1998.